

Voz e comunicação em Nietzsche: uma nova perspectiva

Voice and communication in Nietzsche: a new perspective

Voz y comunicación en Nietzsche: una nueva perspectiva

Mauro Araujo de Sousa

Fatec - Mauá SP

<mauro.sousa@fatec.sp.gov.br>

Resumo

O ensaio presente objetiva possibilitar uma leitura da voz como elemento de comunicação a partir da filosofia de Nietzsche, considerando o conceito de voz no seu plural “vozes”, incluindo a voz enquanto metáfora e vontade de potência, relações de forças e condição de um projeto de valoração na sociedade. Através do método de análise-síntese, o texto propõe um desafio: o de se considerar essa leitura como provocação tanto para a filosofia quanto para a área da comunicação na formação do que o filósofo intitulava como sendo o “espírito livre”.

Palavras-chave: Comunicação. Filosofia. Espírito livre. Nietzsche. Vozes.

Abstract

The present essay aims to enable a reading of the voice as an element of communication from Nietzsche's philosophy, considering the concept of voice in its plural “voices”, including the voice as a metaphor and will to power, relations of forces and condition of a valuation project in society. By using the method of analysis-synthesis, the text proposes a challenge: to consider this reading as a provocation both for philosophy and for the area of communication in the shaping of what the philosopher called the “free spirit”.

Keywords: Communication. Philosophy. Free spirit. Nietzsche. Voices.

Resumen

El presente ensayo tiene como meta hacer posible una lectura de la voz como elemento de comunicación desde la filosofía de Nietzsche, considerando el concepto de voz en su plural “voces”, incluyendo la voz como metáfora y ganas de potencia, relaciones de fuerzas y condición de un proyecto de valoración en la sociedad. A través del método de análisis-síntese, el texto propone un reto: el de considerarse esa lectura como provocación tanto para la filosofía cuanto para el área de la comunicación en la formación de que el filósofo tituló como siendo el “espíritu libre”.

Palabras clave: Comunicación. Filosofía. Espíritu libre. Nietzsche. Voces.

Introdução

Tratar da voz humana a partir de fragmentos de Nietzsche e de alguns comentaristas é algo que se destina ao que, na sua filosofia, é denominado de elemento dionisíaco. Considerar que a voz, *de per se*, já é algo que flui e, por isso, tem a ver com o devir, isto é, que tudo muda sem cessar, ela escapa de uma chave de leitura metafísica da filosofia, o que é próprio do filósofo

alemão em destaque e das influências do devir do filósofo pré-socrático Heráclito sobre Nietzsche. Outra perspectiva sobre a voz nesse viés é que, a princípio, não seria matéria e, de certa forma, também escapa à noção de algo espiritual no sentido abstrato. Ora, assim sendo, foge de uma abordagem dualista e típica da metafísica, conforme nos indica o próprio Nietzsche em sua obra *Além do bem e do mal* (cf. prólogo, p. 8).

Também é possível centrar a voz na percepção da experimentação nietzschiana, pois, de acordo com Viviane Mosé (2005, p. 21), temos que o filósofo considera que somente a partir dele é que existe a possibilidade de uma *grande política* (grifo meu) na terra, e, no caso aqui, o direcionamento é para uma grande política da linguagem, ou seja, voz como linguagem, já que o devir faz variar essa voz em timbre, tonalidade etc. E, claro, voz enquanto prática política de transformação da sociedade: a grande política. Além disso, levando em consideração que cada variação vocal é uma mensagem e considerando que isso está diretamente ligado à comunicação, até para os animais a comunicação acontece, por exemplo, advinda por um latido, como no caso dos cães, um miado diferenciado no caso dos gatos e assim por diante.

Portanto, identificando o elemento dionisíaco com o devir e a voz em todas as suas possibilidades de variações, é possível a compreensão, desde Nietzsche, que a voz acontece como *Kraft* (força) e que age transformando as pessoas, o foco aqui. Dessa forma, também por exemplo, ela comunica vários estados do humano e no humano. Daí, a contribuição deste pequeno ensaio de se colocar a serviço de futuros estudos na área da comunicação, expandindo, por que não, as leituras das TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação).

E, com relação à metodologia aqui utilizada, até por ser um texto filosófico e, ao mesmo tempo, na forma de ensaio, é aquela empregada através do método de análise e síntese, método filosófico por excelência (cf. JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996, p. 182). A análise decompõe o pensamento em variadas partes para, a partir daí, elaborar uma reflexão no sentido de atingir uma síntese reflexiva.

Dioniso, esse desconhecido

Levando em conta o adjetivo “dionisíaco” utilizado até agora, melhor ir a Dioniso. E quem é ele, esse desconhecido? “Um deus bêbado, um deus louco! Realmente, trata-se de uma imagem que convida a uma reflexão mais profunda” (OTTO, 1997, p. 44). Consoante Walter Otto, é necessário ir além dessa imagem sobre Dioniso, afinal ele está além, muito além, da tradição e costumes gregos. Certamente, é um deus selvagem, o que não autoriza ninguém a dizer que não há uma lógica nele. Destarte, quando algo é considerado como dionisíaco, isso expressa toda a força desse algo, uma força descomunal de mudança. Todavia, ainda, força que comunica uma mensagem, ou talvez, quem sabe seria melhor no plural: mensagens.

Considerando ainda tudo isso ligado diretamente ao que é natural, a leitura não poderia ser mais nietzschiana. E a voz é natural porque selvagem (o natural ligado a Dioniso); e suas variações também se inscrevem no natural. Ela age por necessidade no humano e, nesse caso, a voz é tão natural no humano como no latido do cachorro, ampliando-se a noção de voz. Nesse esteio, Dioniso torna-se o centro das atenções e torna-se a força expressa da própria natureza, isto é, Dioniso é a natureza. E o humano, em sua vida sendo a própria natureza, infere daqui que não é possível viver a não ser de acordo com a natureza, a saber, com a própria vida como natureza (cf. NIETZSCHE, 1998, p. 15). Então, isso significa ir além da denominada natureza humana enquanto a razão como o queriam, talvez, os filósofos estoicos em seu racionalismo. Ao invés de natureza humana, o resultado é humano enquanto natureza. Daí, a voz...

A voz como elemento dionisíaco é, em tal recorte, essa desconhecida. Afinal, por que desconhecida? Quem sabe a voz não esteja assim bem entendida nas sociedades em geral, ou seja, não compreendida a partir dessa leitura dionisíaca e própria do filósofo alemão.

E Dioniso tem mais uma característica que Nietzsche toma de empréstimo: ele cria, mas também destrói. Mas, destrói para criar. E como não alinhar à voz essa característica? A voz da qual emana a força que cria também tem o poder da força que destrói. Isso acontece através de

suas variações, de seu fluir diversificado, do seu devir ou dela enquanto devir. E, agora, unindo Dioniso ao devir, já que ele, para o filósofo, é um deus que dança, Nietzsche só acreditaria em um deus que soubesse dançar (Cf. IDEM, 2003, p. 67).

Com Dioniso, o filósofo alcança o dionisíaco, alcança o devir, essa dança da natureza: a própria natureza em transformação constante. E, com isso, há o alcance da voz que comunica a dança enquanto a própria dança. E não se trata de uma escolha. É destino porque é natureza. E, assim sendo, o amor *fati* (amor ao destino – tradução nossa) nietzschiano é um dizer sim à vida tal como ela é e a vida é comunicante, dito dessa forma para soar melhor. Ora, ora! Dioniso poderia ser o protetor mesmo da comunicação junto ao deus Hermes...

E, ainda, Dioniso tem outras faces (Cf. DETIENNE, s/d). Existe, por exemplo, um deus equilibrado e não aquele deus tebanos e tresloucado. Como não deveria haver outras faces, uma vez que há variações? É como querer interpretar um indígena como

selvagem em seu sentido que não seja o do habitante da selva, e cabe aqui o sinônimo silvícola. O termo selvagem foi deturpado em seu sentido original. Nesse viés equivocado, a voz seria aquela que desnorteia, porém não é mister interpretá-la somente assim. A voz também traz equilíbrio. Agora, atenção: equilíbrio não quer dizer falta de tensão, mas, justamente, uma tensão equilibrada. E assim é também esse deus desconhecido. E a natureza é assim, a vida é assim. E o humano que não ama essa sua condição nega a própria vida que o dotou do poder de criar e destruir, talvez porque ele queira ser apenas criador sem destruir, ou somente destruidor. Nesse caso, é o empobrecimento da vida que estará em curso, a sua derrocada, a sua perda da força, força vital.

Dioniso, com esse aporte aqui descrito, nos faz compreender o quão a voz, a voz de cada um, é dionisíaca e, sendo adotada por Nietzsche, nietzschiana. Daí que existe uma comunicação desde Nietzsche. Por que não a estabelecer no plural: vozes? Para pensar... E, dessa maneira, a potência humana da voz é capaz de muitas mensagens. O humano, inclusive, aprendeu a falar. Embora, o objetivo aqui não seja a fala e, sim, a voz: são coisas diferentes.

Dioniso, esse desconhecido que leva a tantas possibilidades em Nietzsche e, desse, para o dionisíaco, pode, então, ser isso tudo a grande política nietzschiana capaz de atravessar todos os valores da cultura, pois é assim que a natureza se torna o fundamento de toda e qualquer valor, diga-se: cultura. A própria natureza como a base da cultura...

A voz como arte

Para Nietzsche não há nada como a arte, em especial a dionisíaca. Por que não? Por-

que na experiência dionisíaca da arte não há individuação e, por isso mesmo, reconduz o humano para a natureza, se fazendo um com ela. Isto é: o indivíduo tem a sua importância somente através da natureza. Talvez, arriscando aqui, dizer que é uma certa experiência mística de unidade entre o humano e a natureza. É um total esquecimento de si e que, por isso, não se trata de subjetividade. Também conduz o humano para a desmedida, para a *hybris*. Não há nada fora da natureza e ela é essa desmesura. Até aqui citamos Roberto Machado (cf. MACHADO, 1999, p. 23).

Mas, é possível considerar a voz como uma expressão da arte trágica? A tragédia em Nietzsche assume as profundezas do dionisíaco e contrabalança com o apolíneo, pois o deus Apolo é caracterizado pelo belo e pelo razoável. A voz, assim como a música, é capaz de atingir essa característica trágica uma vez que suas variações possibilitam essa experiência de mergulho nas profundezas dos instintos no humano. A voz consegue comunicar um estado, consegue dar o recado do corpo e do espírito e, nesse sentido, a voz não deixa de ter os mesmos atributos da música que, aliás, se expressa também no modo vocal. Voz e música se entrelaçam.

E, no mundo da comunicação, a voz é essa mensageira que está muito além de Hermes porque está com Dioniso. Isso deve fazer o comunicador humano atentar-se para sua voz, para essa vibração que sai de si, do seu corpo. A voz não deixa de ser, pois, o corpo vibrando. Voz é vibração! E é capaz de vibrar em variadas alterações ou, se ficar melhor assim: em variados estados alterados. Por esse caminho de reflexão, a voz pode comunicar toda pulsação do corpo, corpo que é todo o

fundamento da nossa pequena razão (Cf. NIETZSCHE, 2003, p. 60).

Uma coisa é certa: a voz comunica a vida e a vida, como bem afirma Scarlett Marton (2000, p. 41-54), é essa dança desenfreada. A vida contém em si a sua própria transformação: a morte. E a morte pode gerar outras vidas, sem viés metafísico nenhum. Vidas literalmente naturais, e mais nada! Voz, essa arte dionisíaca...

Valores e voz, voz e vontade de potência

Tratar de Nietzsche também é tratar de valores e de um projeto de transvalorização dos valores. E, nessa chave de leitura, a crítica do filósofo se faz aos valores estabelecidos. Nessa trilha, a voz tem um papel crucial e, quem sabe, até mais forte que a escrita, ainda mais em tempos nos quais a voz assume a dianteira na frente da escrita, pois comanda softwares e aparelhos nos quais estão instalados. Em termos da comunicação, a voz é essencial.

Se a voz é comunicante, logo a voz é veículo de mensagens e essas não são isentas de valores. E valores aqui, são valores do mundo da ética e valores da tradição, valores sociais, enfim, todos os valores que permeiam as culturas espalhadas pelo planeta. Quão importante é a voz, tanto para afirmar e confirmar valores, quanto para destruí-los, superá-los. A voz é capaz de criar enquanto arte criadora e a voz é capaz de destruir para criar e, em questão de valores, nada é mais nietzschiano que isso. Assim, a voz se torna aquela que tem o papel principal nas relações humanas e, nesse viés, nas relações sociais em geral. A voz une, a voz separa, a voz vivifica, a voz mata, a voz tudo...

Não há como escapar da voz porque não há como calar a voz, uma vez que, quando se cala a voz de alguém, não se cala a voz de todos. Além disso, há uma pluralidade de vozes quase sem fim e até porque é possível chegar ao infinito com a voz e ela é capaz de vociferar sobre qualquer coisa. Ela reverbera o pensamento, o único capaz de contatar o infinito. A voz é essa potência, a voz é a própria vontade de potência na forma de voz. Sim, a voz é a potência vital no humano e a voz tende para um *plus* (uma a mais de potência) de voz, isto é, a voz necessita sempre de mais potência para se expressar enquanto voz. Quanto mais potência, melhor, mais forte e mais longe vai a voz. Lembrando que vontade de potência é o cerne da filosofia de Nietzsche e não podia deixar de ser mencionada neste pequeno ensaio. E o que é a vontade de potência no filósofo alemão? É a própria tendência do mundo a se efetivar enquanto potência, enquanto movimento e nisso se diz vontade enquanto energia, enquanto vida, enquanto o próprio inorgânico também, enquanto relações de forças e, claro, o mundo não poderia ser outra coisa que vontade de potência (cf. NIETZSCHE, 1998, p. 142-143). E a voz não é outra coisa que vontade de potência. É perceptível que, para Nietzsche, não há nada fora da vontade de potência em nosso mundo. Ele resumiu o mundo inteiro em vontade de potência. Destarte, a tendência é afirmar que a voz é a potência que expressa valores, comunicando valores os mais plurais possíveis. Voz, essa imensa riqueza.

Justamente, a voz transmite valores, questiona valores, destrói valores, cria valores, transmuta valores, atribui valores, retira valores, dissimula valores, e

tudo aquilo que tem a ver com voz, aí terá a ver com valores. E por que assim? Porque o que é natural tornou-se a base do cultural. Voz, ou agora e até melhor, tratar de vozes e não no singular. Porque as vozes são muitas, muitas são as culturas. O natural concebeu o cultural. Inclusive, somente desse modo é que se torna possível falar em “natureza humana”, e nada tão cultural quanto isso, uma vez que a tão propalada “natureza humana” nada mais é que natureza. “Natureza humana” é por conta desse viés cultural. E até que seja feita a tentativa de justificar como “natureza humana” a razão, esse argumento não caberá como um argumento decente, afinal o que é a razão senão natureza também. Entretanto, a natureza possibilita a “natureza humana”, para quem prefere falar dessa maneira. É a voz natural possibilita a voz cultural. E, sem essa última, não há valores que possam ser comunicados com tanta mobilidade e com tanta vivaz força.

“Vozes” para espíritos livres (Freigeist)

Vindo de uma perspectiva nietzschiana, como expressar a liberdade de espíritos vindouros? Pensadores do futuro? Nesse caso, é boa a lembrança do subtítulo da obra *Além do bem e do mal*. O subtítulo é: “prelúdio a uma filosofia do futuro”. Nesse caso, quem seriam os esses filósofos do futuro?

Todo homem seletor procura instintivamente seu castelo e seu retiro, onde esteja a salvo do grande número, da maioria, da multidão; onde possa es-

quecer a regra “homem”, enquanto exceção a ela: – exceto no caso de ele ser empurrado para essa regra por um instinto ainda mais forte, como homem do conhecimento no sentido grande e excepcional (NIETZSCHE, 1998, p. 33).

Nietzsche indica o que é necessário para tal empreita: ser um filósofo do futuro começa por afastar-se do burburinho da multidão, com a única e honrosa exceção de estar entre ela enquanto homem do conhecimento. E aí a preocupação é com a vida como mais vida, pois o conhecimento deve servir para aumentar a potência de vida. Portanto, um filósofo do futuro só faria sentido entre a multidão como alguém que provoca o máximo de impulso vital entre as pessoas. Do contrário, é perda de tempo. Todavia, isso não justifica que não tenha seus momentos indispensáveis para consigo mesmo, a saber, na solidão. É na solidão que cresce esse “homem seletivo” de que trata o filósofo alemão. O humano, nesse caso, teria autenticidade, isto é, precisa, antes de tudo, tornar-se o que se é, como bem nos lembra o subtítulo da autobiografia de Nietzsche (Cf. *Ecce homo*). Precisa fazer experiências consigo mesmo e crescer com elas. Tornar-se único.

E do que seria capaz um espírito livre? O que o caracteriza como “livre”? Talvez identificar-se como esse filósofo do futuro... talvez... Esse talvez é porque isso não é fácil. “Independência é algo para bem poucos: – é prerrogativa dos fortes” (NIETZSCHE, 1998, p. 36). Um espírito livre precisa ser forte. E onde reside essa fortaleza? Em si mesmo. Ser capaz de olhar-se e olhar para o mais profundo abismo de si próprio e, diante de qualquer circunstância da

vida, ser destemido e altivo. Por que assim? “Existem alturas da alma, de onde mesmo a tragédia deixa de ser trágica [...]” (IDEM, 1998, p. 37). Então, é por isso. Ser forte a ponto de, diante de tragédias, superar-se. “O que serve de alimento ou de bálsamo para o tipo superior de homem, deve ser quase veneno para um tipo bem diverso e menor” (IDEM, 1998, p. 37). Ora, um tipo “superior”, e esse tipo superior, como afirma Nietzsche, nada mais faz do que conquistar calos na vida para que suas mãos não sangrem mais todas as vezes que precisar pegar em uma enxada, por exemplo. E para cultivar valores assim terá muitas enxadas pela frente a lhe esperar... terá que falar a própria língua das enxadas!

Como soariam as vozes de pessoas assim? Nesse caso, seriam vozes que não tratam de coisas alheias a tudo aquilo que impacta o ser humano, pois teriam que falar de muitas coisas, todavia sem tagarelice, ou seja, o tagarela é aquele que fala daquilo que não experienciou, daquilo que, no fundo, não lhe diz respeito. Não tem o que oferecer, é vazio. Vozes de espíritos livres são múltiplas e tomam a fala, inclusive, em sentido figurado, já que essa multiplicidade se refere às expressões mil do próprio corpo, incluindo aí as da mente. Vozes para espíritos livres, desse modo, só o atingirão, pois essas vozes são para eles, se atingirem profundamente o espírito. É bom lembrar aqui de uma passagem do *Zaratustra* de Nietzsche: “De tudo aquilo o que se escreve, aprecio somente o que alguém escreve com seu próprio sangue. Escreve com sangue; e aprenderás que o sangue é espírito” (NIETZSCHE, 2003, p. 66). Parece que não é necessário escrever mais nada aqui. Fica a deixa: vozes para espíritos livres pre-

cisam ser vozes que ecoam com espírito e, desse modo, os espíritos livres poderão fazer ecoar também suas vozes e todas essas vozes espirituais é que fazem a diferença na sociedade ou sociedades.

A comunicação vital do filósofo do futuro

A filosofia de Nietzsche é bastante polêmica. Por exemplo, a fala que grassa por aí, e a respeito da sua filosofia, é que ela não é para todos, sendo essa fala muito comum! Mas, ao mesmo tempo, sua filosofia não deixa de ser um grande desafio posto para todos: o de superar-se e até o de suplantar-se no sentido de se tornar uma nova pessoa, o conhecido “nascer de novo”. E, para quem nasce de novo, novas vozes ecoarão em si e fora de si.

Que tipo humano ele denomina, em geral, de espírito livre, caminho para o filósofo do futuro? É o espírito da gaia ciência, uma ciência leve e alegre, cuja elaboração máxima está voltada para o amor *fati* (cf. NIETZSCHE, 2001, p. 187-188): amar a própria vida como destino, amar tudo o que nela acontece, isto é, trata-se de um amor incondicional à vida como ela se apresenta ao tipo humano e, claro, vida enquanto vontade de potência, e vice-versa. É, pois, esse filósofo do futuro um comunicador da vida em abundância...

Seria isso um sonho nietzschiano para a superação da mediocridade no humano? Pode ser, mas não é possível que se saiba isso, ainda que seja possível alcançar a condição de filósofos do futuro, do amanhã, de arautos do além-do-homem, ou do *novo homem* (grifo meu), tal qual Nietzsche *Zaratustra*. E, dessa forma, desponta a possibilidade do ouvir as vozes dessa transformação contínua em cada qual, transformação que não zela pelo “eu”

de cada um. Por que não? Porque, nas ondas sonoras do devir, nenhum “eu” permanecerá para sempre, ainda que deixe suas marcas.

Considerações finais

Este pequeno ensaio possibilita fazer outras experiências com a relação entre voz e comunicação; e traz à tona essa ênfase da filosofia de Nietzsche. Ela é, sem dúvida, experimentalista. É questão de cada um querer fazer seus experimentos. Aliás, o que o humano faz durante a sua vida toda senão experimentos? De onde vem o próprio conhecimento senão das vivências / experiências humanas? Talvez esteja faltando, para esse tipo humano, perceber as vozes do mundo que estão ao seu redor, mas que, absortos em seus pensamentos que vagam pelas suas preocupações cotidianas, termina por esquecer do quanto existem um sem-número de possibilidades-vozes até neles próprios...

Quão rica, quão grande, quão bela, quão sensível e tantos outros adjetivos é factível descobrir nas vozes que elas se comunicam entre elas e com o humano, dentro, inclusive, de cada pessoa. Por isso que nenhuma cultura deve ser desprezada e, por isso também, que zelar pela natureza é primordial, não que ela precise das pessoas, outrossim é bem ao contrário: as pessoas é que necessitam dela, e muito, diga-se de passagem. Esse tipo humano sabe, apesar de alguns fingirem que não sabem, que se a natureza quiser, pode aniquilá-lo de uma vez por todas. Engraçado como sempre o humano esquece essa sua enorme fragilidade, arrogante que é em sua tão parca existência, não é mesmo?

Todavia, o objetivo aqui não é fazer juízo de valor. Cabe a cada pessoa julgar a si própria ou nem mesmo se julgar e nem julgar nada.

E o diferencial deste ensaio é que pretende ser uma provocação e, também, uma possibilidade a mais de se tratar de comunicação a

partir da filosofia de Nietzsche. Apenas isso. Cabe a quem ler este texto deixar-se fluir em mais esta experiência!

Referências bibliográficas

Observação anterior às referências

Nas citações indiretas no corpo deste trabalho, houve a opção por também deixar a indicação da página, como é feito em citações diretas, para melhor localização no texto original. DETIENNE, M. **Dioniso a céu aberto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, s/d.

MACHADO, R. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

MARTON, S. **Extravagâncias: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche**. São Paulo: Discurso Editorial / Ijuí-RS: Editora Unijuí, 2000.

JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

MOSÉ, V. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

NIETZSCHE, F.W. **A gaia ciência**. Trad., notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Além do bem e do mal**. Trad., notas e posfácio de Paulo César de Souza. 2.ed. 2. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Assim falou Zaratustra**. Trad. Mário da Silva. 12.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Ecce homo**. Trad., notas e posfácio de Paulo César de Souza. 2.ed. 2. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

OTTO, W. F. **Dioniso: mito y culto**. Trad. Cristina García Ohlrich. Madrid (Espanña): Ediciones Siruela, 1997.

Data do recebimento: 01/06/2023

Data do aceite: 30/06/2024

Dados dos autores:

Mauro Araujo de Sousa

Possui graduação em Filosofia pela Universidade Faculdades Associadas Ipiranga (1985), graduação em História pela Universidade de Franca (1989), pós-graduação lato-sensu em História (1996), mestrado em Ciências da Religião (2000) e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005). Realizou estágio de pós-doutoramento em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (2009). Atualmente é professor do Centro Universitário da Fundação Santo André / SP e professor supervisor do Centro de Filosofia do Instituto Sedes Sapientiae / SP. Também leciona na Faculdade de Tecnologia de Mauá / SP.